



ENSINO REMOTO E EFEITOS DE VERDADE SOBRE O TRABALHO DE PROFESSORES NO BRASIL PANDÊMICO

Valesca Soares Consolaro¹; Andrey Salinet da Silva²

Resumo: O fio condutor deste trabalho decorre da problematização de enunciados que circularam no Twitter, em 2020, versando sobre a atuação de professores no ensino remoto implementado no Brasil enquanto política de isolamento social de enfrentamento da pandemia de Covid-19. Para analisá-los, sobretudo levando em conta a disputa de sentidos que promovem na rede, recortamos quatro Sequências Enunciativas (SEs) que se orientam, metodologicamente, em dois *trajetos temáticos* (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014): “professores não param de trabalhar” e “professores não querem trabalhar”. De posse delas e com base nos Estudos Discursivos Foucaultianos, portanto, nós nos mobilizamos a perguntar como e por que determinados sentidos sobre a docência emergiram sob tais condições de possibilidade. Na descrição-interpretação das SEs selecionadas, considerando a historicidade de sua emergência, a repetibilidade de discursos sobre o trabalho dos professores materializa *efeitos de verdade* (FOUCAULT, 2019) acerca do exercício da docência, reconfigurando o debate na ordem do digital. (Apoio: CAPES)

Palavras-chave: Pandemia. Professores. Discursos. Ensino Remoto.

REMOTE LEARNING AND TRUE EFFECTS ON BRAZILIAN TEACHERS DURING PANDEMIC

Abstract: *The conduit for this article comes from the questioning of statements that took place on Twitter, in 2020, debating about the performance of teachers in remote education implemented in Brazil as a social distancing measure used in the fight against Covid-19. Analyzing, and mainly taking into account the different meanings of those discourses on the internet, we separated 4 Enunciative Sentences (ES) that methodologically follow, two different thematic tracks (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014): “teachers cannot stop working” and “teachers do not want to work”. Based on the Foucauldian discourse analysis, we can therefore ask, why and how such opinions emerged about the teacher class. In the description/interpretation of the selected ES, taking into account the historically emergence, and the repeatability of those discourses over the work of teachers manifested as effects of truth (FOUCAULT, 2019) over the act of teaching, which repurposes the debate at a digital level. (Backed by: CAPES)*

Keywords: *Pandemic. Teachers. Discourse. Remote Learning.*

¹ Formada em Jornalismo, mestranda no Programa de Pós-graduação de Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS, sob orientação da prof^a. Dra. Elaine de Moraes Santos, e membro do Grupo Corpo, Sujeito e(m) Discursividades (político) midiáticas (SuDiC/CNPq). ORCID ID: 0000-0002-3675-0394. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Graduando em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestre em Ciências Fisiológicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro do Grupo Corpo, Sujeito e(m) Discursividades (político) midiáticas (SuDiC/CNPq). ORCID ID: 0000-0002-1341-8815.

Considerações iniciais

Não é novidade a desvalorização de professores no Brasil. A profissão de docente, principalmente em escolas públicas, tem integrado o senso comum enquanto forma de trabalho desprestigiada, em que o elenco de profissionais é mal interpretado. Pensando nisso e assistindo à intensificação de tal problemática durante a pandemia por coronavírus, em 2020, nós nos mobilizamos em analisar o seguinte conflito: de um lado, a circulação de práticas discursivas (FOUCAULT, 2020) a respeito de os professores trabalharem excessivamente no chamado ensino remoto de emergência, promovido pelo uso de tecnologias e, de outro lado, o compartilhamento de *discursos ordinários* (SILVEIRA, 2015) que tematizam professores, enquanto funcionários públicos cuja remuneração foi mantida, mas sem trabalhar o tempo necessário.

Nos próximos tópicos, estabelecemos, primeiramente, as *condições de possibilidade* (FOUCAULT, 2020) para o surgimento de tais práticas, levando em consideração os acontecimentos históricos recentes no ensino brasileiro pandêmico, que afetam a carreira docente. Posteriormente, delimitamos o embasamento teórico-metodológico utilizado para a análise das Sequências Enunciativas (SEs) selecionadas. Por último, realizamos um *gesto de interpretação* (ORLANDI, 1999) das materialidades recortadas do *Twitter*, enquanto forma de compreender como *discursos ordinários* podem surtir em determinados *efeitos de verdade* (FOUCAULT, 2019).

1 condições de possibilidade

Com o acontecimento de uma pandemia, desde fevereiro de 2020, no Brasil, todas as redes de ensino precisaram adaptar seus métodos de trabalho, antes baseados em processos presenciais, para modalidades remotas de educação³. Assistimos à mídia noticiando sobre as adequações de inúmeras instituições e, entre tais medidas, acerca dos ajustes no calendário escolar letivo. Paralelamente às questões de acesso, do ponto de vista do ensino-aprendizagem, muitas reclamações de estudantes se deram em relação à metodologia adotada e ao que foi caracterizado como ineficácia do ensino não presencial, além de queixas sobre didática dos professores, envolvendo quantidade excessiva de atividades ou formas de verificação da frequência de trabalhos propostos.

³ Informação disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2020/03/18/interna-ensinosuperior-2019,835070/universidades-de-todo-o-mundo-adotam-aulas-on-line-durante-a-pandemia.shtml> Acesso em: 10 nov. 2020.

Por outro lado, passamos a ver notícias e depoimentos sobre falta de estrutura e de domínio tecnológico, inclusive dos profissionais de educação, dada a carência de recursos financeiros para investir em equipamentos ou no acesso à *internet*⁴. O panorama de ensino mercadológico seguiu com demissões em massa em instituições privadas⁵, levando à superlotação de estudantes-internautas em salas de aula *online* e ao adoecimento emocional de professores cuja jornada de trabalho tornou-se mais excessiva.

Para a leitura dos enunciados em circulação no período, organizamos dois trajetos temáticos, análise que, para Guilhaumou e Maldidier (2014, p. 173), “[...] não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem”. O primeiro trajeto – “professores não param de trabalhar” – reverbera sentidos em defesa dos profissionais que têm se desgastado mais ainda durante a pandemia, para fazer com que o ensino remoto substitua, na medida do possível, a tradição das aulas presenciais sem configurar Ensino a Distância (EaD). Conforme Saraiva; Traversini e Lockmann (2020, p. 7), no ensino remoto, “[...] é necessário, em geral, um envio de evidências de desenvolvimento de atividades não avaliativas, que funcionam como uma forma de controle do uso do tempo, uma das características da disciplina”.

Já o segundo trajeto – “professores não querem trabalhar” – pôde ser percebido a partir de discursos de questionamento a respeito do exercício da docência implementado em escolas e universidades durante o isolamento social. Além disso, no campo político, algumas declarações incompatíveis com a nova realidade, limitada pelo contágio fácil e rápido do vírus, ganharam as interfaces na internet como a do presidente da república sobre possível retorno às aulas presenciais, em *live* transmitida pelo *YouTube*:

[...] ficam ouvindo sindicato de professores. Pessoal deve saber como que é composto a ideologia dos sindicatos dos professores pelo Brasil quase todo. É um pessoal de esquerda radical. Para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir.

⁴ Informação disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2020/07/12/internas_educacao,1166060/entre-solucao-e-pesadelo-na-pandemia-ensino-remoto-ainda-e-desafio.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁵ Professores relataram demissões por pop-up em tela. Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-23/e-cruel-professores-encaram-aulas-virtuais-com-300-alunos-e-demissoes-por-pop-up-na-tela.html?ssm=TW_CC>. Acesso em: 10 nov. 2020.

No discurso proferido, reverbera-se um *já-dito* (FOUCAULT, 2020) imerso nos enunciados de críticas demeritórias do trabalho e empenho de professores. Tais proposições circularam entre os *posts* em vários sites, acrescentando caráter político e partidário a respeito do posicionamento de professores contra o retorno de estudantes às aulas presenciais. A gravidade do cenário fomentou nosso interesse em realizar, com o filósofo francês, um “diagnóstico do presente” acerca da atual conjuntura.

2. Metodologia

Este trabalho se desdobra à luz dos estudos discursivos foucaultianos, por meio do método *arqueogenealógico* (ARAÚJO, 2008), de forma a analisar como e por que determinados discursos passaram a circular na sociedade. O ambiente digital do *Twitter* é um espaço em que olhamos especialmente para os *discursos ordinários* (SILVEIRA, 2015), conceito relacionado a enunciados (re)produzidos por sujeitos sem legitimidade institucional. A autora explica que tais sujeitos, mesmo sem um espaço de visibilidade, propagam, a partir das redes sociais, discursos que fazem emergir novos efeitos de sentido, ou seja, as falas no campo do ordinário podem não produzir os mesmos efeitos da mídia tradicional, mas contribuem para a construção de uma história, a qual é fabricada pelas experiências interpessoais na sociedade da informação digitalizada. Pensando nos diferentes efeitos de sentido, destacamos que, conforme o pensamento de Foucault (2014, p. 22),

[...] não há, de um lado, a categoria dada, uma vez por todas, dos discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam. Muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vem a tomar o primeiro lugar.

Diante disso, entendemos que os acontecimentos de escala macro e micro (FOUCAULT, 2019) se atravessam na construção de verdades de uma sociedade. Aqui, mobilizamos a noção de *efeitos de verdade* com Foucault (2019, p. 52), enquanto resultado de um regime de “[...] ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”.

Para o tratamento do *corpus*, nós nos pautamos na observação entre a ordem de aparecimentos enunciativos e as incompatibilidades – como algo que nos permite ver, na prática discursiva, uma aresta de subjetivação (FOUCAULT, 2014) dos sujeitos. Noção que nos permite pensar em como determinadas práticas discursivas podem levar os sujeitos a assumirem certas percepções de si e dos outros.

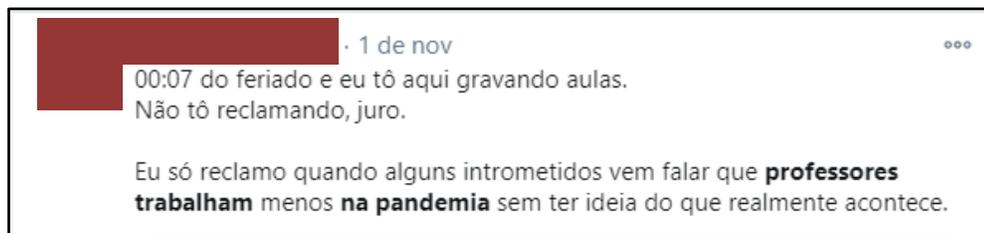
Como destacado por Gregolin (2015, p. 194), tal movimento com o filósofo francês é um convite “[...] à construção de objetos discursivos numa tríplice tensão entre a sistematicidade da linguagem, da historicidade e da produção de subjetividades”. É pensando nisso que olhamos para os *discursos ordinários*, enquanto práticas que constroem sentidos sobre o que é ser professor hoje.

3. A (re)atualização de sentidos sobre professores

As Sequências Enunciativas (SEs) aqui analisadas são lidas a partir de um *gesto de interpretação* (ORLANDI, 1999), dos enunciados, no batimento entre o dito e o não-dito. Para tanto, levamos em consideração o momento histórico, as problemáticas em torno dos sujeitos, bem como as especificidades do acontecimento em estudo. Pautados pelas reflexões foucaultianas, percebemos, inicialmente, a circulação dos discursos sobre professores estarem sobrecarregados durante a pandemia. Posteriormente, vimos emergir a ideia de que os mesmos não estariam cumprindo suas devidas funções no ensino remoto. Nesse sentido, selecionamos materialidades que nos permitissem compreender por que tais discursos opostos estão materializados na rede social e como têm construído verdades sobre os docentes.

As SEs 1 e 2, a seguir, erigem de um mesmo trajeto temático: “professores não param de trabalhar” durante a pandemia no Brasil.

SE 1

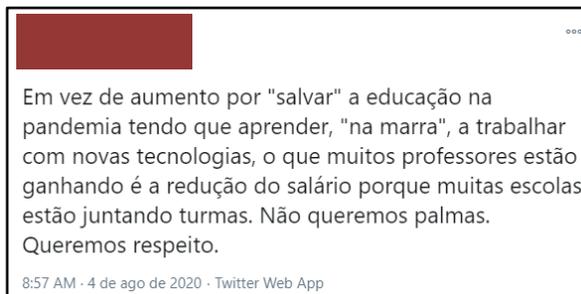


Fonte: print realizado pelos autores em 03 nov. 2020.

A SE 1 aciona uma forma de desobediência (FOUCAULT, 1990) à ideia de que a pandemia não interfere na rotina docente, em que o sujeito “responde” aos ataques motivados por aqueles que consideram a ausência de trabalho ou de produção intelectual como “costumeira” de professores em sala de aula. Assim, o enunciado aponta que a realidade não condiz com o que é veiculado em mensagens de ataque aos docentes.

Tal resposta aciona a crítica, “[...] movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade” (FOUCAULT, 1990, p. 5). Ou seja, o enunciado repercute em uma insubmissão, uma negação, que tem por função o “[...] desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade” (FOUCAULT, 1990, p. 5). Na SE 2, vemos movimento semelhante:

SE 2



Fonte: print realizado pelos autores em 03 nov. 2020.

Na SE 2, é enunciado que “em vez de aumento por ‘salvar’ a educação na pandemia”, os professores estão, na verdade, ganhando “redução do salário”, ressaltando: “não queremos palmas. Queremos respeito”. Aqui, vemos o apontamento para problemas enfrentados por docentes no período pandêmico, ressaltando que não adianta elogios à profissão, enquanto, na prática, o trabalho cotidiano decorre sem condições adequadas, com desvalorização salarial e sob o risco constante de demissão.

As SEs 3 e 4, por outro lado, são desdobramentos do discurso de que “professores não querem trabalhar”:

SE 3

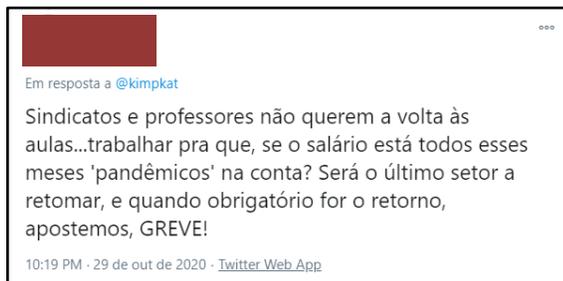


Fonte: print realizado pelos autores em 03 nov. 2020.

Na SE 3, há uma associação do imaginário de que professores, como funcionários públicos, com garantia de salário mensal, podem ser contra o retorno de

aulas presenciais enquanto ato político de “esquerda”, em oposição ao governo vigente. Além disso, a expressão “fraudemia” – justaposição entre os termos “fraude” e “pandemia” – produz sentidos de minimização das consequências impostas pelo avanço e permanência do isolamento em todas as regiões geográficas do Brasil, reforçando um *efeito de verdade* (FOUCAULT, 2019) sobre o conceito de que professores querem a remuneração, porém não querem trabalhar.

SE 4



Fonte: print realizado pelos autores em 03 nov. 2020.

Já na SE 4, o termo “pandêmico” é mobilizado entre aspas. Com esse recurso, vemos, novamente, uma insinuação de que a pandemia não seja um fator limitante para a rotina de profissionais da educação. Se a pandemia não se constitui como verdade, parte-se do princípio de que sindicatos e professores fazem uso de notícias da contaminação para produzir benefícios próprios: salários garantidos e cargos assegurados.

O embate entre discursos opostos, em análise neste trabalho, leva-nos a pensar sobre a noção de verdade e sua relação com o ambiente virtual. Nas palavras de Foucault (2019, p. 54), “[...] a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”. A noção de *efeito de verdade* não pode ser desvinculada da questão simbólica proposta pelo campo político. Ao se pensar na equivalência axiológica entre discursos opostos, em que, se um lado está dizendo a verdade, necessariamente, o outro está mentindo, alguns aspectos merecem nossa discussão.

A exemplo dos acontecimentos na atual conjuntura política brasileira, lembramos que, em período anterior à pandemia, a profissão docente foi atravessada por cortes de verbas para educação já em 2019⁶, bem como pela desqualificação de professores como

⁶ Informação disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

“zebras gordas”⁷, incentivadores de “balbúrdia” nos *campi* universitários e, até mesmo, como “doutrinadores”⁸. Nesse sentido, vemos no *Twitter* enunciados que se materializam em “verdades” direcionadas a uma forma de ataque aos professores, os quais se entrelaçam a outros acontecimentos discursivos. Enquanto também há enunciados em direção oposta, desobedecendo e evidenciando que, no período caótico de pandemia, professores passaram a se dedicar em jornada de trabalho muito acima da contratada ou assumida, em condições técnicas físicas e psicológicas desproporcionais e piores do que as que se encontravam anteriormente, em sua rotina de trabalho, na estrutura física de que dispunham.

A nosso ver, o embate discursivo delimita uma disputa pela política da verdade. Ao passo que alguns enunciados caracterizam professores como “preguiçosos”, há aqueles que questionam os efeitos de poder (FOUCAULT, 1990) em relação à verdade instituída, possibilitando a liberação de ideias deixadas à margem da fabricação da história.

Considerações finais

A análise de dois *trajetos temáticos*: “professores não param de trabalhar” e “professores não querem trabalhar” nos permite ver como se deu no *Twitter* a disputa por sentidos. A noção de verdade não nos serve, aqui, como resposta acerca de qual lado estaria certo ou errado, mas para compreender que efeitos de poder estão atravessados por essas práticas que desenvolvem, ao longo da história, seus efeitos, permitindo-nos estabelecer conexões com os mecanismos de poder no presente.

Na atual circunstância, problematizamos, ainda, a própria noção de que “a educação não pode parar”⁹, por dois motivos: primeiro, ela não parou; segundo, enquanto milhares de pessoas morrem, professores e estudantes precisaram continuar produzindo freneticamente como se nada estivesse acontecendo.

Muitas áreas de trabalho não pararam, mas é preciso pensarmos também em como isso é reflexo de uma sociedade motivada pelo viés econômico como prioridade vital. A questão financeira afeta a todos, considerando o dinheiro como algo necessário

⁷ Informação disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/01/gestao-weintraub-e-marcada-por-erros-retrocessos-e-ataques-a-educacao-professores-e-estudantes/>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

⁸ Informação disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.

⁹ Informação disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/educacao-nao-pode-parar-em-tempos-de-crise-diz-mercadante>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

para aquisição de produtos básicos como moradia e alimentação, emergindo em tal cenário a importância de problematizar a falha do Estado em dar suporte e apoio para os mais necessitados, de modo a incentivar a desaceleração da produção em um momento de crise humanitária, em que já alcançamos um patamar de mais de 473.000 mortes¹⁰.

Referências

ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.

FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. A ditadura militar e a proletarização dos professores. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1159-1179, 2006.

FOUCAULT, M. O que é a crítica?. **Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie**, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, abr/jun 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dez. 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

GREGOLIN, M. do R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, G. G. B. et al (Orgs.). **Análise do discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 191-211.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4ª. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 169-191.

¹⁰ Fonte: JHU CSSE COVID-19 Data. Levantamento realizado em: 8 jun. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020.

SILVEIRA, J. da. **Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político e ordinário no Twitter**. 2015. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.